

Francisca Clotilde: uma escrita pelo Ceará

Luciana Andrade de Almeida*

RESUMO

Em um tempo de conquista de espaços femininos, é emblemática a atuação da jornalista e escritora cearense Francisca Clotilde (1962-1935) no conturbado período da candidatura oposicionista de Franco Rabelo ao oligarca Nogueira Accioly, nas eleições cearenses de 1911. A pesquisa analisa a coletânea *Pelo Ceará*, editada em Aracati, que reúne textos publicados por ela na *Folha do Commercio*. Clotilde redigia cartas aos políticos e gerais e abraçava a candidatura de Rabelo, fazendo do jornal uma tribuna aberta às expressões políticas de uma mulher do século XIX.

Palavras-chave: Feminismo, política, literatura cearense

ABSTRACT

In a time of conquest of feminine spaces, the performance of the journalist and female writer Francisca Clotilde (1962-1935) is emblematic, during the troubled period of the political dispute between Franco Rabelo and the oligarch Nogueira Accioly, in Ceará elections of 1911. This research analyzes the book “*Pelo Ceará*”, edited in Aracati, that congregates texts published for it in the newspaper “*Folha do Commercio*”. Clotilde wrote letters to the politicians and generals and hugged the candidacy of Rabelo, making of the periodical an open tribune to the expressions politics of a woman of century XIX.

Keywords: Feminism, politics, literature from Ceará

Silêncios e vozes, memórias em disputa, analisados como permissão: em sua trajetória de vida, a escritora, professora e jornalista Francisca Clotilde (1962-1935) oculta e revela aspectos que permitem ver como quer ser mostrada e lembrada. Mulher que se produziu ao público, através da escrita feminina que jamais se masculinizou para angariar espaços. Em suas memórias, a possibilidade de perceber relações que permeavam os universos em que atuou e as decisões ou opções tomadas por ela, através de atos, omissões, rasuras e relevos que se deslocam continuamente sobre sua trajetória e destacam passagens de sua história de vida.

Mulheres que rompiam estruturas sociais, mas não se permitiam libertar na escrita e vice-versa. Essa liminaridade pautava a atuação da jornalista e escritora cearense, em cuja trajetória apreende-se uma visão diferente das tradicionais abordagens da história sobre mulheres, representadas quase sempre como oprimidas. Em um tempo de conquista de

* Mestranda em História Social pela Universidade Federal do Ceará. Bolsista da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientadora: Prof^ª Dr^ª Adelaide Gonçalves Pereira.

espaços femininos, é emblemática sua participação no conturbado período da candidatura oposicionista de Franco Rabelo ao oligarca Nogueira Accioly, nas eleições cearenses de 1911. A presente pesquisa, desenvolvida em nível de mestrado, analisa a coletânea *Pelo Ceará*, editada em Aracati, que reúne textos publicados por ela na *Folha do Commercio*. Clotilde redigia cartas aos políticos e gerais e abraçava a candidatura de Rabelo, fazendo do jornal uma tribuna aberta às expressões políticas de uma mulher do século XIX.

O ritmo lento e pouco imaginativo com o qual se desenrolaria a vida das senhoras era idéia que já dava sinais de desgaste, no último quarto do século XIX. O ingresso de Francisca Clotilde no magistério – dirigido e orientado exclusivamente por homens à época –, com 20 anos de idade, é representativo do período de busca feminina por atividades, instrução e ofícios fora do ambiente doméstico. A maioria das mulheres com essa formação atuava como professora primária, uma das primeiras atividades fora do lar aceitas para as senhoras de classe média. Aulas de Língua Portuguesa, Língua Francesa, Matemáticas Elementares, Geografia e História, Noções Elementares de Ciências Naturais, Pedagogia e Metodologia eram disciplinas ministradas às normalistas. Dois anos depois, em 1884, Clotilde passa a ser a primeira professora da Escola Normal no Ceará.

Apesar da permissão do ingresso de uma professora na Escola Normal, havia resistências e preconceitos em relação às normalistas. Não é difícil compreender as tensões em relação à escola que visava formar educadoras. Numa época em que a mulher deveria nortear a existência em direção a casamento e filhos, não era interessante estimular espaços para sua atuação no mercado – fatalmente, ela teria de se dividir entre o lar e a profissão. Daí a ambigüidade do papel da Escola Normal em uma sociedade que aspirava progresso e civilidade, mas apresentava resistências a mudanças comportamentais, principalmente entre as mulheres. De certo modo, o magistério foi desqualificado e convertido em extensão da tarefa doméstica e maternal, desvalorizando as mobilizações de mulheres que se articulavam em torno da instrução feminina e da necessidade de formação de professoras. No entanto, era um grupo que começava a se definir e já não podia mais ser marginalizado.

O letramento e a educação feminina no Ceará ocorriam, para algumas mulheres, em outros ambientes além da Escola Normal (a partir de 1884), como sociedades e clubes literários que reuniam a elite intelectual e ajudavam a redefinir a organização econômica, política e social da província, após uma grande seca que castigou a região. Na década de 1880, idéias com linhas positivistas e liberalistas firmavam ideais voltados para a República e o fim da escravidão e eram acompanhadas pela ascensão da imprensa como veículo de divulgação. “Entre 1880 e 1889, apareceram no Ceará 175 novos jornais [...] Foi nesses

últimos dez anos do Império que se multiplicaram os jornais neutros, literários, diversionais, críticos, científicos, em sua grande maioria de vida efêmera, muitos dos quais não passaram do primeiro número” (ROCHA, 1966: 327).

A campanha abolicionista e a proliferação de agremiações entusiasmaram mulheres de letras como Emília de Freitas, Alba Valdez, Serafina Ponte e Francisca Clotilde. Em 1886, segundo Leal, Clotilde “integrava o Clube Literário, do qual A.D.Bezerra era um dos fundadores” (LEAL, 1996: 73), onde “desfruta o conceito de hábil filigranista e contista” (MONTENEGRO, 1953: 109). Do Clube – inaugurado em 15 de novembro de 1886 e cujo principal fundador foi João Lopes – participaram como sócios efetivos Antônio Bezerra, Oliveira Paiva, José de Barcelos, Rodolfo Teófilo e Francisca Clotilde, entre outros. Sua revista, *A Quinzena*, circulou entre 15/1/1887 e 10/6/1888, perfazendo 30 números. Nas reuniões noturnas, os presentes discutiam obras literárias, faziam palestras e leituras em grupo. O Clube “franqueava aos sócios, todos os dias, das 10 da manhã às 10 da noite, a leitura de jornais e revistas de Fortaleza, da Corte e demais Províncias e dos livros publicados na Corte e no estrangeiro” (OLIVEIRA, 2000: 37-8).

A diversidade e os níveis de tensão existentes na vida e escrita de Clotilde revelam interesses que a mobilizaram, as contribuições que legou e estão explicitados em sua produção literária, que inclui *Coleção de Contos* (“belo romancete de propaganda abolicionista”, na opinião de Barão de Studart), 1897; *Noções de Aritmética*, 1889; *A Divorciada*, 1902; *Fabiola* (drama sacro em três atos) e *Pelo Ceará* (série de artigos editados na Folha do Comércio, por volta de 1911). Clotilde colaborou nos jornais *O Domingo* e no abolicionista *O Libertador*, do qual participavam figuras de projeção, como Rodolfo Teófilo, Clóvis Beviláqua e Juvenal Galeno. Em 1886, redigiu com Duarte Bezerra e Fabrício de Barros o jornal científico e literário *A Evolução*. Raimundo Girão e Maria da Conceição Sousa caracterizam a participação da escritora em jornais e revistas, falando dos versos que assinava, “de teor romântico-confessional ou paisagístico, já em provas, nesta incluída e dramática, a de ficção e também de um ativo e atrevido jornalismo ideológico e político” (GIRÃO e SOUSA, 1987: 86). Durante 15 anos, manteve com a filha, Antonieta Clotilde, um periódico literário denominado *A Estrella*¹.

Em sua carreira literária, praticou tanto o verso quando a ficção, a prosa e a não-ficção. Poeta e contista, adotou, durante os primeiros anos, o pseudônimo de Jane Davy. Fez sonetos, contos, peças de teatro, poemas, traduções de folhetins – como de Byron, Goethe e

¹ Em 15 anos de publicação (1906 e 1921), quase 200 exemplares. Aparece em Baturité a 28 de outubro de 1906, tendo como redatoras Antonieta Clotilde – que mal havia completado os 16 anos – e Carmen Taumaturgo.

Gogol –, críticas literárias, textos de propaganda. “Mesclando imagens e estereótipos já consagrados pela sociedade do período, como a imagem da mulher santa, caridosa, bondosa e com deveres sagrados, Francisca Clotilde vai pouco a pouco tentando inserir a mulher no mundo público e na participação política” (SILVA, 2002: 62). Através de sua trajetória, é possível lançar luzes sobre as margens do campo social e relações entre normas e práticas, expressando as *possibilidades* de atuação desses atores históricos no período estudado.

Assim como outras mulheres de seu tempo, Clotilde situava-se entre a ruptura e o status quo. Incorporava elementos da luta feminina que surgia às estruturas já existentes de uma sociedade eminentemente patriarcal e ainda pouco habituada à presença das mulheres nos campos públicos da política e da literatura. Como ressalta Otacílio Colares, “chega até a espantar o porte de suas ousadias, no campo do jornalismo, onde a palavra da escritora, que é de boa tessitura estilística, é posta a serviço de um ideário singular, quando não inteiramente conflitante com os preconceitos sociais então vigentes na sua província” (COLARES, 1977: 76).

O artigo “A Mulher na Política” é representativo dessa atuação. É o segundo, compreendido em *Pelo Ceará*, editado pela Tipografia Comercial de Aracati, em 1911. Em uma preparação entusiasmada da escritora para uma série de textos em prol da candidatura do Coronel Marcos Franco Rabelo, Clotilde se utiliza de metáforas bíblicas – provenientes de um universo religioso, recorrente em seu estilo – para recuperar histórias de mulheres corajosas que não se furtaram ao enfrentamento. Ela fala do papel feminino nesta seara ocupada apenas por homens, em uma escrita que não se masculinizou para angariar espaços.

Hoje, que o movimento progressista da humanidade se tem desenvolvido de modo extraordinário e animador, não é de estranhar que a mulher, deixando-se arrastar na onda do entusiasmo, fique ao lado do homem na luta pelas boas causas. Desde os tempos mais remotos, vêmo-las desempenhar um importante papel, apesar de ser considerada frágil e inconstante pelos espíritos pessimistas. A história bíblica fala-nos de Débora doutrinando o povo à sombra das palmeiras e dando-lhes planos de batalha para repelir o inimigo: mostra-nos a linda viúva de Betúlia que, inspirada por Deus, penetrou no campo dos Assírios e conseguiu degolar o general Holofernes, trazendo-lhe a cabeça como um troféu aos seus concidadãos [...]. Em que pese aos obscurantistas, o tempo do fuso e da roca já desapareceu na voragem do passado e hoje a mulher, se não tem o direito de se apresentar nos comícios eleitorais, porque a lei não lh’o quis ainda conferir, tem o dever sagrado de acompanhar o homem, máxime quando ele se bate pela pátria em seus dias nefastos e trabalha pela liberdade e pelo progresso (CLOTILDE, 1911: 58-9)..

A atuação política de Francisca Clotilde foi direcionada, na primeira década do século XX, no sentido de fortalecer a candidatura oposicionista de Franco Rabelo contra Nogueira Accioly, que era chefe de uma oligarquia que dominou a política do Ceará entre 1896 e 1912

e ameaçava perpetuar-se no poder. A seu serviço, estava a folha *A República*, que tinha circulação diária.

Atitudes impopulares – como irregularidades no governo, a proibição da imigração de cearenses para outros estados da federação durante as secas de 1898 e 1900 e a postura omissa diante dos problemas de saúde que assolavam a capital – fortaleceram a oposição ao oligarca através do nome de Rabelo.

Todos se agitaram num ímpeto de entusiasmo indescritível. Desde o rude jangadeiro ao mais afamado capitalista, desde o velho enfraquecido pelos annos á petizada loura, grácil e trêfega, houve uma manífetacao expontanea, colossal e nunca vista de sympathias e affecto em torno desse nome que vale uma epopéa para os bons cearenses que, acima de tudo, collocam os santos interesses da Pátria.

Votar em outro candidato é um absurdo, é mostrar adhesão aos oligarcas, e querer fazer causa commum com os inimigos do Ceará.

Não! Outro nome, por muito llustre que seja não deve ser suffragado no próximo pleito eleitoral.

Não há partidos quando se impõe o dever.

E o nosso sonho è consagrar nas urnas o distincto militar, talento d'elite, coração de ouro, alma generosa e impulsionada pelo amor à terra do berço.

Não transijais, cearenses filhos da Terra da Luz.

Mostrai vos grandes perante as nações, perante o mundo inteiro.

Confiemos no poder supremo que rege o Brasil.

Elle não há de violar a Constituição que é a sua bússola, protegendo este ou aquelle candidato em detrimento da lei.

A' s urnas pois, de frente erguida, a consciência cheia dos reflexos do almo sol da justiça que já vai illuminando a nossa Pátria!

Nada de fraudes como no tempo das trevas. Somos livres, cantemos a alleluia da Victoria, fazendo triumphar a candidatura sympathica do Dr. Marcos Franco Rabello (CLOTILDE, 1911: 10).

Apesar dessa situação, Accioly conseguiu se reeleger para o quadriênio 1908-1912. A crise política aprofundava-se na mesma velocidade em que se ampliava o consenso popular em torno da candidatura do coronel Marcos Franco Rabelo para governante do Estado do Ceará.

Dentre as manifestações pró-Rabelo, há que se voltar o olhar para o papel desempenhado pela Liga Feminina Cearense, associação fundada pela escritora Alba Valdez, em 1904, com o apoio de amigas, professoras e escritoras. De acordo com Ketterer, apesar do nome,

a Liga Feminina Cearense não pretendia, ao menos explicitamente, lutar pelos direitos políticos da mulher. Acusadas por um redator da República de querer tomar o lugar dos homens, as suas sócias responderam que seu fim “certamente não é ambicionar o direito de voto”^[2] e que elas mesmas não têm “cousa alguma com política”. A Liga seria, pois, mais feminina que propriamente feminista; mas

que devemos pensar então da declaração seguinte dessas mesmas redatoras do Astro, afirmando que as mulheres podem destacar-se fora do lar, à frente de importantes estabelecimentos comerciais por exemplo, e assim “masculinizar-se pela prática de fatos heróicos, pela grandeza das ações e nobreza dos sentimentos”? A ambigüidade persiste (KETTERER, 1996: 106-7).

A Liga Feminina participa desse momento político organizando uma passeata para o dia 14 de janeiro de 1912. Naquele domingo, circulou na cidade uma informação passada por fonte palaciana fidedigna de que o Governo iria dissolvê-la “à pata de cavalo”.

Com bastante habilidade a Liga Feminina convidou o cel. José Faustino para comparecer à passeata e garantir a ordem. Contra a vontade do Governo, Faustino compareceu e fez o policiamento, substituindo assim, a polícia de Accioly. Tais ocorrências frustraram as pretensões palacianas, mas não levaram o Governo a encontrar uma fórmula de debelar a crise. [...] O Dr. Francisco Sá, genro de Accioly, via apenas uma saída para salvar a vida do sogro: a renúncia. (ANDRADE, 1994: 228-231).

Clotilde comemora, em um artigo, a vitória das mobilizações populares.

*Sim, o Ceará é livre!
E' livre á custa de seus filhos que não podendo mais supportar o peso ferrenho de um governo odioso cantaram a Marselhesa da fraternidade e uniram-se nas praças públicas para derrotar as forças que atropellavam as creanças fazendo os vivas expansivos converterem-se em gritos de dor e soluços de mães desoladas.
Gloria aos bravos defensores dos direitos sagrados do povo! Eterna maldição aos que cobarde e indignamente os conspurcaram! (CLOTILDE, 1911: 02)*

Na noite de 19 de dezembro de 1911, Fortaleza viu manifestações de jovens pró-Rabelo na Praça do Ferreira. Novas eleições vieram após a revolta e Franco Rabelo venceu o pleito, mas não ficou além de dois anos na direção do poder estadual. O fim das oligarquias, a eleição do marechal Hermes da Fonseca para a presidência da República e a eclosão da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) fizeram deste um agitado período da história.

Serà possível que a cegueira partidaria seja tão forte a ponto de não se conhecer de que lado está a razão, a quem assiste o direito de ocupar a cadeira presidencial desta terra cujos filhos não hesitaram em derramar o sangue generoso, para arrancar-a às garras dos abutres insaciáveis que acabariam por aniquilal-a completamente? (CLOTILDE, 1911: 18)

A coletânea *Pelo Ceará* traz, em cerca de 70 páginas, uma compilação de artigos políticos da escritora, nos quais ela se posicionou de forma veemente a respeito da participação política feminina, naquele momento de convulsões políticas. Declarou-se,

textualmente, pró-Rabelo. O jornal e o panfleto eram tribunas abertas a uma mulher que expressava suas opiniões políticas e, nesta obra, emerge outra dimensão da escrita de Clotilde, explicitando, em seu percurso literário, mais um fio da trama de sua trajetória – é, ainda, mais uma forma que essa polígrafa dá a seu texto. A jovem escritora que falava de flores e descrevia belas paisagens cedia, aos poucos, espaço à mulher de meia-idade, quase cinquentenária, mãe e jornalista engajada. O título “Pelo Ceará” também explicita o amor à terra natal – outro traço recorrente do conjunto de sua obra.

Falem contra a mulher cearense política; eu applaudo-a porque confio que a sua presença nestas festas populares é um prenuncio de triumpho para a boa cauza e concito-a a reanimar o valor de seus filhos e a ensinar lhes que, acima dos governos mal inspirados, està a imagem da Pátria pedindo amor e sacrificio, impondo-se à nossa veneração, pairando serena e constellada como o céu que se desdobra sobre nossas cabeças lembrando-nos que Deus para remir a humanidade deve também o concurso sublime de uma mulher que elle collocou á sua dextra, acima de todas as creaturas no fastigio da gloria e da immortalidade (CLOTILDE, 1911: 03).

Edward P. Thompson coloca como premissa básica da história o fato de ela ser “a disciplina do contexto e do processo: todo significado é um significado-dentro-de-um-contexto e, enquanto as estruturas mudam, velhas formas podem expressar funções novas, e funções velhas podem achar sua expressão em novas formas”³. Aquelas mulheres do século XIX, atuando no início do XX, efetivaram suas táticas baseadas na consciência que tinham a respeito de seus espaços de atuação – e acreditavam que a escrita era um dos caminhos adequados para alcançar seus objetivos e fazer emergir a participação nas mais diversas esferas.

A recuperação desse momento da história social e política do Ceará significa voltar o olhar para o papel das abolicionistas arrecadando fundos em leilões e outras atividades beneficentes e a relevância de suas ações. Sem ares condescendentes, elas não podem ser percebidas como meras “florzinhas da elite” ou bibelôs decorativos. Aqui emergem outras mulheres e sua face ativa, organizada, além das normalistas, professoras, bordadeiras, caritativas que tradicionalmente têm lugar na história, ocupando papéis para além da perspectiva de coadjuvante. O artigo a seguir mostra que a escritora e jornalista tinha conhecimento do que se passava nos “bastidores do poder”. Em tom de forte denúncia, redige o artigo “O Direito do Povo”.

3 THOMPSON, E.P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Unicamp, 2001. p. 243.

Soberania popular! Bonitas palavras inteiramente vãs de sentido, no apregoado regimen das Republicas!

Temos o exemplo frisante no que se passa entre nós, neste triste espetáculo que o Brasil apresenta perante as nações cultas da terra. Para que serve o direito do voto? Qual é o fim dos comícios eleitoraes?

Eleger os representantes do povo de um modo livre e de accordo com a lei?

No entanto qual è o resultado do exercício desta attribuição sagrada e respeitável?

Os partidos impõem o reconhecimento de seus adeptos, e, embora tenham elles tido minoria e seja isto com facto claríssimo e indiscutível, saem victoriosos e vão nas câmaras alardear o seu prestigio e apresentam projectos que fazem envergonhar os que dentre elles são mais escrupulosos e menos indignos.

E' isto que chamam republica? Pobre povo!

O teu direito é conspurcado a todo instante, só tens que supportar o vexame do imposto, o julgo dos mandões, a prepotência dos chefes que collocam os seus interesses acima de tudo.

Trabalhas para que tua pátria tenha soldados e vasos de guerra que a tornem respeitada e forte e, quando è mister o teu sacrificio, os homens de farda fazem de ti o alvo de suas carabinas e os encouraçados chegam aos teus portos afim de bombardearem as tuas cidades?

Sonhas a liberdade e a justiça?

Utopias!

Para seres livres è preciso que derrames o teu sangue generoso nas praças e nas ruas, que esmagues os tes affectos mais doces, indo de armas na mão enfrentar esses irmãos desnatrados que desejam o teu aniquilamento e o teu captiveiro moral.

No dia que acordas como o leão nas selvas o teu despertar é terrível.

Derribas os tyrannos, como fizeste a 24 de Janeiro e, repugnando-te manchar as mãos com o sangue dos que te esmagavam no furo de seu despotismo, perdoas os teus desvarios envolvendo os na esmola de tua misericórdia.

*

Tudo se encaminha numa corrente fatal para o desprestigio de uma grande Nação que deve aspirar aos mais elevados ideiaes.

Que resõe pela imprensa, o grito que nos vem do intimo verberando os desmandos e injustiças com que se celebrizam os timoneiros da mão governamental.

Será vencido o povo?

Contunuarà a ser victima do partidarismo egoísta, dos mãos cidadãos, ameaçado pelas baionetas e pelos canhões?

Deus proteja a Ceará que atravessa uma phase difficil e livre os meus patrícios de lutas fratricidas fazendo-os gosar as delicias de um governo digno e justo.

Sim! Que o nosso eleito saia triumphante e possa trazer de nosso espírito a agra recordação da oligarchia nefasta e dando-nos a liberdade de que precisamos para nossa prosperidade, para o nosso engrandecimento moral, á sombra de um governo consciencioso e justo. (CLOTILDE, 1911: 6-8)

Muitas mulheres oscilavam entre tradição e modernidade em escritos e ações. Clotilde situava-se nessa liminaridade, entre a ruptura e o status quo. Silêncios sem mudez e vozes que se manifestam e informam, *permitidos* pelo contexto. Como em uma “biografia autorizada”, ela oculta e exhibe determinados aspectos, participa socialmente, critica posturas políticas e emerge através de seus escritos, *inscrevendo-se*. Assim, ela nos permite ver *como* quer ser mostrada e *como* gostaria de ser lembrada.

Era uma mulher do seu tempo.

Bibliografia

- ANDRADE, João Mendes de. A Oligarquia Acciolina e a Política dos Governadores. In SOUZA, Simone. (Coord.) *História do Ceará*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1994.
- CLOTILDE, Francisca. *A Divorciada*. 2. ed. Ceará: Terra Bárbara, 1996.
- COLARES, Otacílio. “A Divorciada, de Francisca Clotilde: um romance ousado e esquecido”. In: *Lembrados e esquecidos: ensaios sobre literatura cearense*. Vol. III. Ceará: Imprensa Universitária, 1977.
- GIRÃO, Raimundo, SOUSA, Maria da Conceição. *Dicionário da Literatura Cearense*. Fortaleza: Imprensa Oficial, 1987.
- KETTERER, Valérie. *Mulheres de letras no Ceará (1880-1925): dos escritos à cena pública*. *Revista de Letras*. Fortaleza: Edições UFC, 1996. Vol.2.
- LEAL, Ângela Barros. “Em busca de Francisca Clotilde”. In: CLOTILDE, Francisca. *A Divorciada*. 2. ed. Ceará: Terra Bárbara, 1996.
- LIMA, Zilda Maria de Menezes. “A cidade de Fortaleza na literatura do século XIX”. In: DE SOUZA, Simone, NEVES, Frederico de Castro (Org.). *Comportamentos*. Coleção Fortaleza: história e cotidiano. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.
- MONTENEGRO, Aberlardo F. *O romance cearense*. Fortaleza: A. Batista Fontenele (Tip. Royal), 1953.
- OLIVEIRA, Caterina Maria de Saboya. *Fortaleza: seis romances, seis visões*. Fortaleza: Edições UFC, 2000.
- ROCHA, Demócrito. “A imprensa do Ceará”. In: GIRÃO, Raimundo, FILHO, Martins. *O Ceará*. 3. ed. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1966.
- SILVA, Régia Agostinho da. *Entre mulheres, história e literatura: um estudo do imaginário em Emilia de Freitas e Francisca Clotilde*. Dissertação de Mestrado em História Social no Depto de História da UFC, 2002.
- THOMPSON, E.P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Unicamp, 2001.